

A linguagem trinitária de Novaciano

The Trinitarian Language of Novatian

Maria Freire da Silva*

ge to express what he calls inexplicable when they discuss about the divine transcendence. It is intend to check the use of concepts Christological and pneumatological by developing the semantics in the Trinitarian mystery, which is in his work *De Trinitate*, demonstrating the influence of Tertullian (155), and the relevance of his theology of the Trinity for the development of language referring to the mystery of God in the Western world.

Keywords: Trinitarian; Language; Heresies; Mystery.

Resumo: A proposta deste artigo é analisar alguns elementos da linguagem trinitária no pensamento de Novaciano (200), suas contribuições e suas lacunas, que demonstram a escassez da própria linguagem sobre o mistério trinitário, no ambiente em que se encontra, e sua busca em dar uma resposta às heresias que fervilhavam ao seu redor. Trata-se de uma linguagem metafórica, poética para exprimir o que ele denomina de inexplicável ao discorrer sobre a transcendência divina. Pretende-se verificar a utilização dos conceitos cristológicos e pneumatológicos no desenvolvimento da semântica do mistério trinitário em sua *Obra De Trinitate*, demonstrando a influência de Tertuliano (155), e a relevância de sua teologia da Trindade para a elaboração da linguagem referente ao mistério de Deus no mundo ocidental.

Palavras-chave: Trinitário; Linguagem; Heresias; Mistério.

Abstract: The purpose of this article is to analyze some elements of the Trinitarian language in Novatian's thought (200), his contributions and his gaps that demonstrate the lack of language on the Trinitarian mystery in the environment in which it was, and his search in order to give an answer about the heresies that swarmed around him. This is concerned to a metaphoric and poetic language

Introdução

Ao objeto desse estudo, interessa a obra: *De Trinitate*. Do ponto de vista de alguns estudiosos, ao título corresponderia melhor o *De regula ueritatis*.¹ Composta em prosa poética, notável pelo conteúdo e forma. O título não é original, pois Novaciano não concebeu seu Tratado como uma obra sobre a Trindade. Pode-se dividir em quatro partes: 1) o desenvolvimento sobre a essência divina e de seus atributos; 2) Os capítulos 9 a 28 tratam da cristologia; 3) o capítulo 29 dedica-se ao estudo sobre o Espírito Santo, embora não o defina como a terceira Pessoa da Trindade, e nem como Deus; 4) Os outros dois capítulos tratam da afirmação de que a encarnação do Filho não altera a unidade divina.² Aqui, é clara a tendência monarquiana de Novaciano.

Desde 1584, o jesuíta Jacques Pamèle atribuiu a Novaciano a Obra: *De Trinitate*, embora não seja possível precisar a data do *De Trinitate*, pois Novaciano não faz alusão a um cisma no interior da Igreja, nem a perseguição de Décio. Devido a tal carência, os autores a dataram com anterioridade ao ano de 251. A menção à heresia

* Prof^a. Dr^a. Maria Freire da Silva - Bacharel e mestra pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra da Assunção São Paulo e doutora em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália. Professora da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Coordenadora do Curso de Graduação em Teologia, São Paulo/Brasil. Contato: freiremaria3@yahoo.com.br.

¹ CATTANEO, E. *Patres ecclesiae: una introduzione alla teologia dei padri della Chiesa Trappani*, Il Pozzo di Giacobbe, 2008. p.16.

² Ibidem. p.127.

sabeliana e do mesmo Sabélio, expulso da Igreja sob o pontificado de Calixto (217-222), obriga a situar a composição dessa obra posterior à dita expulsão.

Apesar das discordâncias, a paternidade para Novaciano no *De Trinitate* está fora de dúvida. Seguramente utilizou a *Adversus Praxam* de Tertuliano e com muita probabilidade conhecia a obra de Hipólito e se preocupa de maneira muito mais intensa contra o adocionismo (*Trin*11-25).

Dados biográficos de Novaciano

Não se pode precisar os primeiros anos de Novaciano. Provavelmente nascera em Roma ou vizinho a esta, em torno do ano 200, já que no ano 250 ocupa um lugar notável entre o clero romano. Novaciano, em consequência de uma grande enfermidade, recebeu, já adulto, batismo chamado os “clínicos” e, ao que parece, não recebeu depois a unção com o santo crisma nem a imposição das mãos do bispo. Tal informação é formulada com uma linguagem extremamente dura. Procede do papa Cornélio, adversário de Novaciano.

É uma personalidade de grande relevo e notável testemunha da cultura cristã na capital do império. É uma mente mais rigorosa e melhor informada sobre a filosofia pagã do que Cipriano; ambos sofrem o influxo da doutrina de Tertuliano. Em seu Tratado sobre a Trindade, demonstra grande interesse por concepções estoicas que aplica, conseqüentemente, à teologia cristã, que vinha se configurando no ocidente, na metade do III século. Para sublinhar a transcendência de Deus, Novaciano recorre a imagens próprias do materialismo estoico: Deus é acima de tudo. Sobre todo o universo é Ele mesmo que abraça todo criado. Não deixa espaço à outra divindade; nada está fora de seu alcance. O ser divino é, por sua mesma natureza, inefável.³

³ MORESCHINI, Claudio, *Storia del pensiero cristiano tardo-antico*, Milano, Bompiani, 2013, p. 537.

O batismo clínico era válido, porém quem o recebia permanecia submetido ao parecer, irregular para ordenação ao menos segundo o argumento aduzido por todo presbiterato romano, inclusive por parte de muitos leigos que se opuseram à sua ordenação. Um indicativo demonstra o papa Fabiano como aquele que o ordenou. Contrariando o parecer dos presbíteros e do laicato, o papa considera as muitas qualidades de Novaciano referentes à sua fé e sua cultura, o que tornava notável sua capacidade intelectual.⁴

Com a morte do papa Fabiano, Novaciano ocupa na comunidade romana a função de porta-voz do colégio presbiteral e, como redator de diversas cartas sobre que atitude tomar em relação aos *lapsi* (aqueles que durante a perseguição renegaram a fé e prestaram homenagem à divindade pagã). Através dessas atitudes, mostra seu rigorismo ortodoxo para reconciliar os pecadores. Na eleição de Cornélio a bispo de Roma, Novaciano se opôs, o que induziu Cornélio a afirmar para Fábio de Antioquia que a postura de Novaciano era motivada pelo desejo de ser bispo.⁵

No entanto, a oposição estaria relacionada aos *lapsi*. Do seu ponto de vista, a comunidade se mancharia acolhendo os pecadores. Instigado por Novato de Cartago, Novaciano recebeu a consagração episcopal das mãos de três bispos, cuja identidade é ignorada. Com isso, se consumava o cisma. Em 251, Novaciano sofre excomunhão, mas seu rigorismo já havia se espalhado. Segundo o historiador Sócrates, morreu mártir durante a perseguição de Valeriano (257 A.D.). Mais de um século depois, Paciano de Barcelona lhe nega a coroa do martírio pelo fato de haver morrido fora da Igreja.⁶

⁴ NOVACIANO. *La Trinidad*, Fuentes Patrísticas, Madrid, Ciudad Nueva, 1996, pp.13-14.

⁵ *Ibidem*, p.15.

⁶ *Idem*, p. 15.

Sua obra

Sabe-se, através de Jerônimo, que Novaciano escreveu muito, mas se ignora o número de obras; no entanto, diversas epístolas se conservam no epistolário de Cipriano. Da imensa lista descrita por Jerônimo só se conservam o *De cibis Iudaicise* o *De Trinitate*. As mesmas passaram à história com o nome de Tertuliano. No entanto, faz-se necessária a compreensão contextual histórica do pensamento novacionista. O autor se insere no interior da autonomia e interdisciplinaridade da Patrística com seu método no âmbito do corpus das disciplinas de ensinamento teológico. A sua autonomia no setor da teologia, na qual se aplicam rigorosamente os princípios do método histórico-crítico, é um elemento adquirido processualmente.⁷

Ao leitor chama atenção que o termo *Trinitas* não apareça no decorrer do texto. Se isso pode interditar o título original, não pode pôr em dúvida, segundo argumentos dos contemporâneos, a fundamental ortodoxia trinitária de Novaciano. A estrutura da obra permanece refletida de forma basicamente coincidente, em um texto de Dionísio de Roma a seu homônimo de Alexandria:

Tens que crer em Deus Pai Criador de todas as coisas e em Jesus Cristo seu Filho e no Espírito Santo...pois assim é como se preservam tanto a divina tríade como a santa predicação da Monarquia.⁸

A doutrina de fé e a Pessoa de Deus Pai

O Tratado *De Trinitate* de Novaciano é a primeira obra teológica romana composta em latim, a sua terminologia e as suas precisas fórmulas dogmáticas são de grande interesse. Exercitaram um influxo profundo sobre o pensamento latino, permitindo ao Ocidente

afrontar a via teológica grega na controvérsia cristológica em plano de igualdade.⁹

A elaboração mais aprofundada sobre o mistério trinitário no pensamento de Tertuliano se dá em sua obra *Adversus Praxeam*, após abandonar a Igreja Católica e aderir ao montanismo, o que não lhe impediu de elaborar uma doutrina substancialmente ortodoxa o que, em seguida, exercerá um grande influxo sobre a Igreja. Contrariando as ideias modalistas, embasado pela *Regula Fidei*, Tertuliano afirma que essa tem como ponto de partida a fé nas três pessoas divinas. Argumenta que se trata de três distintas realidades. Em seguida, passa a esclarecer em que consiste a unidade e a distinção.

A Trindade é considerada o vértice da revelação, e a síntese de toda história da salvação, o que consiste em crer na existência de um só Deus; mas que, em sua infinitude de amor, não vive na solidão, pois é próprio do amor difundir-se em si mesmo em um dinamismo eterno. Do Pai procede toda eternidade, mediante a geração intelectual, o Filho e, por expiração amorosa, procede o Espírito Santo. A regra da verdade de fé demonstra, como exigência na adesão a fé, que a mesma seja proclamada.

Novaciano argumenta que o Pai é Fonte de tudo; sem deixar de ser o único Deus, há um Filho que também é Deus: “Ele que é procedente daquele pelo qual todas as coisas foram feitas, e certamente Deus procedente de Deus, constituindo, enquanto Filho, a segunda pessoa depois do Pai, mas não tolhe a prerrogativa do Pai ser único Deus”. A divindade do Filho não significa que são dois deuses. Talvez Novaciano tome de Tertuliano a denominação de pessoa.¹⁰ O mesmo utilizara o termo para exprimir a distinção entre as três pessoas divinas; toma o vocábulo da linguagem jurídica. Obviamente, não usa o termo com toda carga filosófica que assumirá posteriormente.

⁷ CATTANEO, E. *Patres ecclesiae: una introduzione alla teologia dei padri della Chiesa Trappani*, Il Pozzo di Giacobbe, 2008. p.37.

⁸ Ibidem, pp. 19-20.

⁹ Idem, 232.

¹⁰ LADARIA, F.L. *Il Dio vivo e vero: il mistero della trinità*, Casale Monferrato, Piemonte, 1999. p.199.

Não se trata de uma simples questão terminológica, pois com ele se inicia, na teologia latina, a fórmula: *tres personae, una substantia*.

Dessa forma, Novaciano consolida a ligação entre cristologia e teologia trinitária, que trata da pessoa de Cristo, mas o faz sempre em sentido trinitário. Tenta exprimir, seja a unidade do sujeito, seja a dualidade da natureza em Cristo, Filho de Deus e *Verbum Dei incarnatum*.¹¹

Do ponto de vista de Grillmeier, a crítica de Novaciano ao docetismo, ao modalismo e ao adocionismo de seu tempo, solidamente fundada em argumentos bíblicos, algumas vezes leva a confundir os dois esquemas cristológicos. Por um lado, opõe o Filho de Deus ao Filho do homem, para combater a tendência dessas heresias; de outro lado se move entre o esquema verbo-carne para enfatizar sua divindade. Afirma que a cristologia de Novaciano apresenta considerável mesclagem de esquemas, em que a antiga cristologia romana “*Logos-Sarx*”, proposta por Hipólito, desenvolve ainda uma função importante.¹²

Novaciano utiliza o método silogístico e dialético da Stoá e de Aristóteles, o que também era utilizado por seus adversários monarquianos. Esse procedimento foi felicíssimo, dado o reforço de citações escriturais abundantes que conferiam ao tratado a vantagem de uma enorme segurança e relevante poder sugestivo. O desenvolvimento de sua teologia trinitária reúne uma perfeição notável para o período pre-agostiniano. A obra se exprime como uma espécie de manual de cristologia ocidental. Como seus predecessores, afirma que o Logos sempre esteve com o Pai e foi por Ele enviado somente num período determinado do tempo, em vista da criação do Mundo. Tenta uma via intermediária entre as duas propostas do monarquianismo.

¹¹ Quando introduz já a distinção segundo a qual Cristo é “*qua homo ex Abraham, qua Deus ante ipsum Abraham*” (GRILLMEIER, A. *Gesù il Cristo nella fede della chiesa*, Brescia, Paideia, 1982, p.334).

¹² Ibidem, p. 335.

Novaciano preocupa-se em sublinhar a unidade divina, e como seus predecessores, comete o mesmo erro, o de subordinar o Filho ao Pai e assim o Espírito Santo.¹³

A perspectiva relacional sobre as pessoas divinas

O desenvolvimento referente à pneumatologia é tratado rapidamente e com insuficientes precisões. Não descreve as relações que unem o Espírito Santo ao Pai e ao Filho, como o fez referente ao Pai e ao Filho. Chama o Filho de segunda Pessoa e não denomina o Espírito de terceira Pessoa, como havia feito Tertuliano. Porém, faz algumas declarações importantes acerca do Espírito Santo e a Igreja. Afirma uma operação temporal do Espírito Santo nos profetas, e permanente nos apóstolos. A ação do Espírito na Igreja, torna-a perfeita, incorrupta e inviolada numa perene virgindade e verdade. A partir da compreensão do batismo de Jesus onde se dá a descida do Espírito, diz que Ele é autor do novo nascimento no ato batismal.

Diz que a afirmação da distinção em Deus não se dá intrinsecamente em sua condição (*status*) e sim no desenvolvimento (*gradus*) que ocupam, não na substância (*substantia*), mas na forma (*forma*) de exprimi-la; não no poder (*potestas*), mas no modo de exercitá-lo. Do seu ponto de vista, há uma única substância, um único poder, única é a intrínseca condição, pois Deus é uno e que as formas expressivas, as maneiras operativas vêm distintas em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.¹⁴

A formulação mais completa e precisa da distinção das três pessoas divinas na unidade da substância, Tertuliano a propõe em *Adversus Praxeam*, 9. Em referência à Trindade econômica, é acusado de subordinacionismo a respeito do Filho e do Espírito com referência ao Pai, uma lacuna já presente em todas as cristologias

¹³ STRZELCZYK, G. *Communicatio idiomatum: los cambio dele proprietà*, Tesi Gregoriana, série Teologia n. 105, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2004. p. 231.

¹⁴ MONDIN, B. “Tertuliano” in *Dizionario dei teologi*, Bologna, ESD, 1992. 593-606.

dos três primeiros séculos do cristianismo, já presente em outros padres como: (Justino, Taciano, Atenágoras, Clemente Alexandrino, Orígenes).¹⁵

Em *De Trinitate* 7,38, Novaciano apresenta a doutrina da inefabilidade e a transcendência do ser de Deus. Essa doutrina não se encontra em Tertuliano, porém sim nos apologistas com influência platônica como se pode perceber no pensamento de Justino que trata do Deus inefável, ingênito e eterno.¹⁶ Ainda se pode encontrar influência de Teófilo de Antioquia que afirma: a forma de Deus é sem princípio, increado, imutável e imortal” impossível de ser visto por olhos carnis.¹⁷ Também Clemente de Alexandria argumentava que Deus é, por sua glória, incompreensível; por sua sabedoria inigualável; por sua bondade inimitável; por sua beneficência inenarrável.¹⁸

Pode se dizer que há elementos constituintes de uma teologia apofática nessa forma de Novaciano pensar a complexa consciência sobre o ser de Deus. Afirma que, enquanto Filho, recebe do Pai tudo aquilo que é e, portanto, é inferior ao Pai. Da geração provém a distinção e a subordinação. Do ponto de vista de Ladaria, Novaciano não exprime com clareza quando se refere ao momento da emanação do Verbo. Este existe sempre enquanto gerado do Pai. Ao mesmo tempo, parece seguir a tradição da livre decisão da vontade de Deus referente à geração.¹⁹

Novaciano elabora seu pensamento, partindo desse ponto focal, ocupando o capítulo primeiro do *De Trinitate* (1-8). A respeito da verdade sobre Jesus Cristo em seu comentário cristológico, ocupa

quase metade da obra: (11-25), onde se debruça sobre a defesa da divindade com argumentos bíblicos.

Os argumentos de Novaciano articulam antropologia e cristologia, explicitando sobre a encarnação e a filiação divina contra a teoria docetista de Marcião, e dos gnósticos que pregam um corpo aparente e não real. Tanto o nascimento, quanto a morte e a ressurreição de Jesus, constituem a afirmação de que o Filho de Deus assumiu um corpo humano verdadeiro, o que não se converte em único homem, mas homem e Deus. A fragilidade de sua carne, manifesta-o como homem; as obras extraordinárias que realiza mostram-no como Deus. Há uma espécie de perfeição na forma de expor o dinamismo descendente e ascendente do verbo feito carne:

“O verbo desceu do céu como o esposo à carne, para que, pela assunção desta carne, o Filho do homem pudesse ascender até onde o Verbo, Filho de Deus, havia descido”. (Dicionário de conceitos cristãos).

Ao refutar a exegese adocionista sobre Lc 1,35, e contrário aos modalistas sabelianistas, apresenta a distinção entre o Pai e o Filho. Afirma que a morte de Jesus acontece na humanidade. Isso, não contradiz sua divindade. Em seguida, demonstra a doutrina da Regra da Verdade sobre o Espírito Santo(29), afirmando, com base nas Escrituras, que o Espírito é prometido no AT e dado no NT por Cristo.

Assim apresenta uma inter-relação entre o pensamento cristológico e pneumatológico do seu tempo. Do seu ponto de vista, o Espírito foi derramado superabundantemente em Cristo e, por Ele, para toda Igreja. Prorrompe em um belíssimo hino cantando a obra multiforme do Espírito na Igreja e nos cristãos. Denomina o Espírito como Protetor, tutor dos apóstolos e doador de todos os carismas à esposa de Cristo; regenerador no batismo, tornando os cristãos

¹⁵ Ibidem, pp.593-606. Veja-se também em PODOLAK, P. *Tertuliano*, São Paulo, Loyola, 2010, p.125.

¹⁶ JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologia diálogo com Trifão*, São Paulo: Paulus, 1995, pp.100-103.

¹⁷ TEÓFILO DE ANTIOQUIA. *A Autólico*, Madrid: Ciudad Nueva, 2004, p.67.

¹⁸ LEMENTE DE ALEJANDRIA. *El pedadogo*, I, 6, 5, Madrid: Ciudad Nueva, 2009, p.84.

¹⁹ Ibidem, p. 200.

morada de Deus, conduzindo-os à imortalidade da ressurreição, o educador, aquele que preserva a Igreja do pecado.²⁰

Há uma notável beleza na abertura do *De Trinitate* formulada num canto ao Criador! Há uma articulação entre a fé no Deus Criador e ao universo que é capaz de remeter o ser humano a seu Criador. O homem não é só o que está à frente da criação como seu propósito, mas pela razão de ser imagem de Deus. Com isso, se percebe que Novaciano tem uma visão antropocêntrica da criação. Essa cosmovisão também havia sido utilizada por Filon de Alexandria, e frequente nos escritos cristãos entre outros: Irineu de Lião, que diz que o mundo foi criado por Deus e entregue ao homem como seu próprio território,²¹ um lugar belo para que aí fizesse a experiência do seu Criador.²² Clemente de Alexandria afirmava a existência da criação em função do homem.²³

A perspectiva cristológica do De Trinitate

Novaciano explica essa temática em *De Trinitate*, 17,96.97. O homem não é a imagem de Deus, e sim, conforme a imagem de Deus; Pois segundo Cl 1,15, a imagem de Deus é Cristo. Por isso, afirma que Cristo, o Verbo encarnado, é o criador do homem. Irineu já havia dito que o homem é a imagem da imagem (*Adv. Haer.* 16,2). Afirma que o termo Santo quer indicar o elemento humano assumido por Cristo. Na verdade, o que nasce de Maria é todo santo porque é o Filho de Deus. É o primeiro a utilizar o termo na linguagem cristã latina (*incarnari*) encarnação (*Trin.* 138) como também a palavra predestinação (*praedestinatio*) em (*Trin.* 94). A cristologia constitui a questão basilar para Novaciano.

²⁰ Ibidem, pp.21-23.

²¹ IRENEO DE LIÓN. *Epideixis*, Madrid: CiudadNueva, 1992, pp. 11-12.

²² SINGLES, Donna. *A glória de Deus é o homem vivo, a profissão de fé de santo Irineu*, São Paulo, Paulus, 2010, p.28.

²³ CLEMENTE DE ALEJANDRIA. *El pedadogo*, I, 6, 5, Madrid: Ciudad Nueva, 2009, p.85.

O texto sobre a Homilia Pascal de Melitão de Sardes, publicado nos anos quarenta, apresenta o evento mais importante e mais antigo para o estudo da teologia dos primeiros séculos do cristianismo. Foi como o improvisado de uma janela que se abre sobre a vida litúrgica da comunidade primitiva. É um texto que permite, como nenhum outro, entrar em contato com a linguagem elaborada pelos cristãos da Ásia Menor na metade do II século. A homilia de fato, imediatamente, não tinha propósitos polêmicos ou apologéticos que poderiam induzir as modificações da linguagem habitual. Além disso, aqui se está no coração da iniciação cristã, do qual a celebração da Páscoa constituía o vértice.

O conteúdo e a linguagem da pregação pascal se impõem em seguida, seja pela verdade que confessa, seja pela linguagem que a exprime. No entanto, é necessário observar que a homilia trata muito com os contrários: novo e antigo, eterno e temporal, perfeito e imperfeito, mortal e imortal, que constitui o mistério da Páscoa. O motivo da contradição e dos elementos opostos e contraditórios é para Melitão o modo predileto para exprimir a paradoxalidade do mistério pascal. O mesmo vale para a imagem de Cristo. O autor acentua fortemente a questão Deus-homem: “Como Filho, foi gerado; como cordeiro arrastado; como ovelha imolada; como homem sepultado, mas ressurgiu dos mortos como Deus, sendo por natureza, Deus e homem”.

Percebe-se uma linguagem metafórica que procura tratar de realidades eternas, consciente da limitação dos signos linguísticos: o significado e significante, na aplicação à semântica do mistério. A gênese e o processo de explicitação linguística das fórmulas estavam em desenvolvimento inicial. Há que se considerar a influência cultural ambiental do judeu-cristianismo em dialogar com o pensamento gnóstico-helenístico.²⁴ Isso exige atenção tanto em sentido sincrônico como diacrônico da semântica do mistério trinitário.

²⁴ PASTOR, A, Félix, *Semântica do mistério: a linguagem teológica da ortodoxia trinitária*, São Paulo: Loyola, 1982.

Do ponto de vista de Melitão, aquele que é dado em sofrimento, e morto, é o mesmo criador do mundo e autor da salvação. Alonga-se em elencar que a obra da criação tem seu cumprimento no Primogênito. Faz uma articulação de toda história de Israel e os momentos cruciais, onde o sujeito agente é sempre o mesmo Primogênito. Passa a descrever sobre a vida terrena de Cristo sem dar um novo nome ao sujeito.

Em seguida, ao mesmo primogênito, escreve sobre as ações notificadas nos evangelhos. A estrutura do texto é tal que permite se falar de uma espécie de uma *Communicatio idiomatum* quase que circular. Parte das características humanas para chegar ao nome e às características divinas, para novamente chegar às ações humanas: há uma unidade entre a continuidade do sujeito de todas as ações e as propriedades. É relevante a força expressiva do texto: a imagem de fundo é Cristo sofredor, crucificado, sepultado. É o mesmo Cristo que criou o mundo, que operou a salvação do antigo Israel, e ressuscitava os mortos como homem sobre a terra.

Graças a essa construção, o autor reúne quatro propósitos: primeiro exprime a dramaticidade da paixão, mostrando quem é aquele que morreu; em segundo lugar, coloca a paixão em uma moldura da história de salvação como seu coroamento. Em terceiro lugar, exprime o mistério de Cristo Deus-homem e em quarto lugar, o envolvimento direto de Deus mesmo na obra de salvação. Texto; “...Aquele que consolidou o universo é fixado ao lenho; o soberano é ultrajado; Deus é assassinado; o rei de Israel é rejeitado pelas mãos de Israel”.²⁵

Considerações finais

Percebe-se que a linguagem trinitária de Novaciano se insere no interior da ortodoxia. No entanto, há grande lacuna referente à co-igualdade das pessoas do Filho e do Espírito em relação ao Pai. Há uma subordinação da segunda e terceira pessoa referente ao Pai. Há uma tensão quando afirma que o Filho é Deus, mas ao mesmo tempo confessa sua divindade subordinada e dependente do Pai que o gerou.

No entanto, a sua linguagem pneumatológica, além de apresentar um caráter subordinacionista, não avança no que se refere à definição do Espírito Santo, como terceira Pessoa da Trindade. Por essas características, sua linguagem a respeito da Trindade se apresenta de difícil compreensão visto que os conceitos utilizados carecem de uma capacidade de averiguação minuciosa por parte do leitor.

Notoriamente é uma linguagem que retrata a escassez da própria linguagem sobre o mistério trinitário no ambiente em que se encontra. A interpretação possível de textos anteriores, realçando o pensamento de Tertuliano perpassa o *De Trinitate* e se insere no processo das tentativas de interpretação, em busca de dar uma resposta às heresias que fervilhavam ao seu redor. Trata-se de uma linguagem metafórica, poética para exprimir o que ele denomina de inexplicável ao discorrer sobre a transcendência divina.

Utiliza a metáfora do sol para elaborar seu argumento que exprime a incapacidade do pensamento e da linguagem humana na compreensão do Mistério trinitário. Do seu ponto de vista, não apenas o ser humano não pode conhecer Deus através do pensamento, como também não pode contemplá-lo. Demonstra que, entre o sol e os olhos que contemplam, há uma debilidade provocada pelo fulgor dos raios, impedindo o fixar do olhar. O mesmo padece a capacidade da mente em todo pensamento acerca de Deus que, quanto mais se

²⁵ STRZELCZYK, G. *Communicatio idiomatum: los cambio dele proprietà*, Tesi Gregoriana, série Teologia n. 105, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2004, pp.51-53.

esforça para contemplar, mais se torna cega com a mesma luz do seu próprio pensamento.

No entanto, não se pode negar a imensa contribuição que sua obra deu ao mundo ocidental referente ao desenvolvimento da teologia trinitária. Novaciano evita, em seu *De Trinitate*, qualquer traço do platonismo, adotando o método silogístico e dialético da Stoá e de Aristóteles utilizados também por seus adversários monarquianos. A doutrina de Novaciano demonstra uma mistura estoíca vizinha através da tradição da retórica e da doutrina cristã.

Em *De Trinitate* 5,44, ao interpretar Ezequiel 1,13, retoma conceitos estoícos que se percebem presentes em Virgílio: “um espírito interno vivifica o céu e a terra” (cf. Eneide VI, 724-734). Aborda sobre a atividade de Deus no criado com termos materialistas estoícos, no entanto, sua definição do Espírito Santo e de Deus como Espírito, não tem categorias estoícas e sim parte do evangelho joanino (4,24; 5,29). O Espírito é uma realidade imaterial. Todavia permanecem alguns de seus escritos, alguns elementos materialistas quando trata da questão: a caridade como substância e o espírito como fogo (7, 38-39).

Referências bibliográficas

BILBAO, U, G. *Monarquía y Trinidad: el concepto teológico “monarchia” en la controversia*. Madrid: UPCO, 1996.

CATTANEO, E. *Patres ecclesiae: una introduzione alla teologia dei padri della Chiesa Trappani*, Il Pozzo di Giacobbe, 2008.

CLEMENTE DE ALEJANDRIA. *El pedadogo*, I, 6, 5. Madrid: Ciudad Nueva, 2009.

GRILLMEIER, A. *Gesú il Cristo nella fede della Chiesa*. Brescia: Paideia, 1982.

IRENEO DE LIÓN. *Epideixis*. Madrid: Ciudad Nueva, 1992.

JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologia, diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995.

LADARIA, F.L. *Il Dio vivo e vero: il mistero della trinità*. Casale Monferrato: Piemme, 1999, p.199.

MORESCHINI, Claudio, *Storia del pensiero cristiano tardo-antico*. Milano: Bompiani, 2013.

MONDIN, B. “Tertuliano” in *Dizionario dei teologi*. Bologna: ESD, 1992.

NOVACIANO. *La Trinidad*, Fuentes Patrísticas. Madrid: Ciudad Nueva, 1996.

PASTOR, A, Félix, *Semântica do mistério: a linguagem teológica da ortodoxia trinitária*. São Paulo: Loyola, 1982.

PODOLAK, P. *Tertuliano*. São Paulo: Loyola, 2010.

SINGLES, Donna. *A glória de Deus é o homem vivo, a profissão de fé de santo Irineu*. São Paulo: Paulus, 2010.

STRZELCZYK, G. *Communicatio idiomatum: los cambio dele proprietà*, Tesi Gregoriana, série Teologia n. 105, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2004.

TEÓFILO DE ANTIOQUIA. *A Autólico*. Madrid: Ciudad Nueva, 2004.

Recebido em: 09/08/2015

Aprovado em: 29/09/2016